

## O AMOR ERÓTICO NO CONTO *O ESPINHO NA CARNE*, DE D. H. LAWRENCE<sup>i</sup>

Maria do Socorro Cardoso de Abreu<sup>i</sup>  
Iêda Carvalhêdo Barbosa<sup>i</sup>

### Resumo

A preocupação com o inconsciente, a emoção e o desejo subconsciente do homem é marcante na obra do escritor do Modernismo inglês D. H. Lawrence. Seus escritos são espontâneos e abordam de forma franca e desinibida assuntos tabus na Inglaterra pudica e vitoriana como o sexo, chocando muitos de seus contemporâneos. O presente estudo procura analisar um dos contos de Lawrence, *O Espinho na Carne*, no que respeita ao papel primordial que a relação sexual desempenha como meio de comunicação entre as personagens lawrencianas que buscam através desta o conhecimento dos outros e de si mesmas e uma renovação pessoal. Para tanto, tomou-se como aporte teórico, principalmente, a obra do historiador Peter Gay (1999, 2000, 2001) sobre a mentalidade vitoriana e textos referentes à psicanálise de Freud (1972, 1997).

**Palavras-Chave:** Mentalidade Vitoriana, Psicanálise, Relação Sexual, *O Espinho na Carne*, D. H. Lawrence.

### THE EROTIC LOVE IN D. H. LAWRENCE'S SHORT – STORY *THE THORN IN THE FLESH*

### Abstract

The concern with the unconscious, the emotion and the subconscious desire of the man is central on the work of the modernist english writer D. H. Lawrence. His writings are spontaneous and deal with taboo subjects in prudish and victorian England like sex, in an open and uninhibited way, shocking many of his contemporaries. The presente study aims at analysing one of Lawrence's short-stories, *The Thorn in the Flesh*, referring to the importante role that the sexual relationship carries out as means of communication among Lawrence's characters that search through this the self-consciousness, the consciousness of others and a personal renovation. This investigation is mainly based on Peter Gay's (1999, 2000, 2001) historical work about the victorian mind and texts related to the psychoanalysis of Freud (1972, 1997).

**Keywords:** *victorian mind*, psychoanalysis, *sexual relationship*, *the thorn in the flesh*, d. H. Lawrence.

### 1 – Introdução

D. H. Lawrence (1885-1930) exerce uma eterna fascinação em todos os seus leitores. É impossível ficar indiferente a ele e a sua descrição vívida e apaixonada das verdadeiras emoções humanas. O autor escreve, com igual convicção, sobre as forças poderosas do amor e do ódio.

O erotismo marca todo o seu trabalho por meio do qual Lawrence pretendia eliminar os

---

<sup>i</sup>Esta pesquisa foi realizada com o apoio financeiro da CAPES.

<sup>i</sup>Mestre em Linguística (UFC). Professora de língua portuguesa e literatura do IFCE. Contato: scabreu21013@gmail.com

<sup>i</sup>Doutoranda em Literatura Comparada (UFC). Professora de língua portuguesa e literatura do IFCE. Contato: iedacarvalhedoadv@yahoo.com.br

extremos tanto da aparente modéstia vitoriana como da decadência e mecanização modernas de seu tempo, mostrando a necessidade de uma mudança revolucionária no que diz respeito às atitudes sexuais, o que fez dele um autor de mais afinidades com a segunda metade do século XX do que com seus decênios iniciais quando produziu sua obra.

Segundo o escritor inglês, a restauração da intimidade física no mundo moderno asséptico, dominado pelo intelecto e pela máquina, é fundamental: só através do toque a humanidade pode saber a beleza, a maravilha de estar vivo na carne e despertar para a existência esplêndida e efêmera dos afetos e dos sentidos.

A manifestação do tocar mais frequente na ficção lawrenciana é a relação sexual, que, normalmente, traz ao seu término um sentimento de renovação e aprofundamento sem negar o ser individual de cada um dos envolvidos no ato amoroso.

Apesar do toque ser um tema recorrente na obra de Lawrence, este não foi ainda devidamente investigado pelos críticos, merecendo, assim, novos estudos, principalmente no que concerne à sua contística que, muitas vezes, foi negligenciada.

Dessa forma, o presente artigo procura analisar o conto *O Espinho na Carne*, a fim de verificar a função do ato sexual nessa narrativa e quais alterações comportamentais esse contato físico opera em suas personagens centrais. Essa pesquisa tomou como embasamento teórico a obra do historiador Peter Gay (1999, 2000, 2001) acerca da mentalidade vitoriana e textos referentes à psicanálise de Freud (1972, 1997), entre outros.

## **2 – A Literatura Pós-Vitoriana De D. H. Lawrence E A Psicanálise Freudiana**

Houve grande progresso econômico e científico no período em que a Inglaterra esteve sob a regência da rainha Vitória, até o final do século XIX, porém a sociedade inglesa se manteve oprimida pela força dos costumes morais puritanos. A família e as relações afetivas passaram por pesadas sanções, visto que a soberana era o modelo de feminilidade virtuosa que as mulheres deveriam seguir e, conseqüentemente, as famílias burguesas também.

O início do século XX foi marcado por fortes reações a esse tradicionalismo, pois a cultura aristocrática vitoriana entrava em decadência. Ademais, Freud (1972) ressaltou que, apesar de necessárias à organização social, as instituições conflitaram com o que havia de mais intimista no homem, porque as restrições impostas por elas, muitas vezes, frustraram o indivíduo.

A literatura do período valeu-se bastante da psicanálise freudiana e de suas impactantes descobertas acerca do consciente e inconsciente que se emparelhavam às mudanças de um período bastante tradicional e conservador aos conceitos de ética e moral. Os autores trataram em suas críticas da sublimação do desejo de expressão que foi projetado em importantes obras da literatura

inglesa modernista.

Esses novos textos literários desvelaram toda a tensão existente entre a ética puritana e os apelos do corpo, fazendo uso de técnicas narrativas pautadas pela psicanálise, pelo fluxo de consciência e pelas discussões morais. Como afirma Peter Gay, “pouco antes da deflagração da Primeira Guerra Mundial, o romance, que havia fornecido entretenimento confiável por um século e meio, experimentava formas inauditas, quase imprevisíveis” (2001, p. 218).

D. H. Lawrence é um dos escritores que retratou a Inglaterra nesse momento de transição. O autor viveu num dos momentos de maior tensão e conflitos ético-afetivos da história inglesa. Conforme Ramos e Nepomuceno (2010, p. 107 - 108), Lawrence soube fazer uma literatura polêmica que retratava nitidamente a sexualidade reprimida desse período relacionando-a à psicanálise e defendeu que o instinto se revela superior às convenções. Boa parte das suas personagens violam o sistema para o qual foram gerados em busca da pulsão de vida.

Dois de seus romances, *O Arco-íris* (1915) e *O Amante de Lady Chatterley* (1928), foram proibidos e associados à pornografia por suas polêmicas descrições de relações sexuais e também por ataques ácidos às convicções morais vigentes da sociedade inglesa.

A realização plena do ser humano como indivíduo, seu relacionamento com seus semelhantes e com a natureza circundante, o desequilíbrio contemporâneo entre o intelectual e o físico, o instintivo, constituíram algumas das preocupações máximas de Lawrence e transformaram-se nos temas mais frequentes de seus livros.

Para o autor inglês, a obtenção da autorrealização plena pelo homem só pode ser atingida pelo toque. A comunicação verdadeira não é baseada em ideias ou palavras, mas no contato físico. A forma de toque mais frequente na obra lawrenciana, representando o encontro entre naturezas diferentes – metade luta e metade deleite –, é a relação sexual.

A fim de investigar na obra lawrenciana esse amor erótico que se contrapõe às convenções da época, faremos, a seguir, a análise do conto *O Espinho na Carne*, inserido no livro *O Cigano e Outras Histórias* (2018).

### **3 – O Amor Erótico Em O Espinho Na Carne**

O conto *O Espinho na Carne* narra a história de um casal de namorados – Bachmann e Emilie. Ele, soldado do exército alemão, sofre muito ao participar dos treinamentos, principalmente quando tem de subir uma grande escada inclinada contra uma muralha - “Bachmann estava com os intestinos transformados em água” (LAWRENCE, 2018, p. 126). Seu medo de altura era tão grande que “a urina escorrera por sua perna” (LAWRENCE, 2018, p. 129). O sargento o humilha e Bachmann o derruba, fazendo-o cair no fosso. Para não ser punido, o soldado foge em direção à

casa da namorada. Emilie - “(...) Primitiva. Mas sensível a um alto nível, (...) ardentemente virgem” (LAWRENCE, 2018, p. 143) - fica muito perturbada com a presença do namorado na casa onde trabalha como criada, porém tem que alojá-lo em seu quarto para evitar sua descoberta. Apesar das adversidades, eles fazem amor. Bachmann resolve, então, fugir para a América e esperar que Emilie vá ao seu encontro. O jovem, no entanto, é preso antes da fuga e os planos não se concretizam.

A virgindade de Emilie é simbolizada pelas cerejas, que estão sobre a mesa da cozinha na residência onde a moça vive. Segundo Cirlot (1984, p. 443), estas têm sido associadas à virgindade desde a época medieval devido à abundância de cerejeiras nas canções líricas dedicadas à Virgem Maria.

As cerejas vermelhas e brilhantes são observadas pelo soldado, assim que ele chega à casa de Emilie. Logo em seguida, atraído por elas, ele as come. O fato de Bachmann comê-las significa que ele veio para tomar posse do corpo de Emilie, destituindo-a de sua virgindade:

Bachmann não podia erguer a cabeça. Olhou para o lado, para as cerejas vermelhas, brilhantes. Não conseguia reencontrar o mundo normal. (...) E pegou as cerejas e começou a comê-las” (LAWRENCE, 2018, p.136).

Vale acrescentar que, segundo Gay (2000, p.303), Freud dividiu a sexualidade em três fases: uma de liberdade sexual, outra apenas com a finalidade de reprodução e a terceira em que o sexo deve ocorrer somente dentro da legitimidade do casamento. O último é o caso de Emilie que, pelo fato de não haver se casado, reprimia sua sexualidade.

O momento climático da narrativa ocorre quando o casal se relaciona sexualmente. Ambos se modificam em consequência desse encontro, que não é apenas físico, mas um instrumento da liberação do ‘eu’ verdadeiro de cada um. Com o desprendimento dessa energia liberadora, as personagens tornam-se realmente vivas e ganham um novo e mais amplo senso de si mesmas, permitindo também uma conexão com o outro de uma forma real e imediata:

Quando ela voltou a si, jazia transportada à paz do prazer. Era algo de que ela jamais suspeitara, nunca soubera que podia existir. Sentia-se forte com uma gratidão eterna. E ele estava ali, com ela. Instintivamente, em um impulso natural de respeito e gratidão, cingiu-o em um abraço curto, e ele a conservou totalmente em seus braços. Ele, perto dela, sentia-se revigorado e integrado. O alvoroço breve, crispado, momentâneo de gratidão que ela lhe deu com sua satisfação despertou seu orgulho irreprimível. Amavam-se, e tudo estava completo. Ela o amava, ele a havia possuído, ela lhe foi concedida. Estava certo. Ele lhe foi concedido, e eram um só, completos (LAWRENCE, 2018, p. 150 - 151).

Bachmann, ao fugir do exército, sentia que “havia um vazio na sua alma. A vergonha dentro dele parecia substituir sua força e masculinidade” (LAWRENCE, 2018, p. 141). Contudo, após manter relações sexuais com Emilie, passa a sentir-se “livre, liberado, maravilhoso e feliz” (LAWRENCE, 2018, p. 151). E compreende que ter medo de altura não significava que ele era um

covarde. Afinal, ele começava a conquistar sua essência, começava a ser ele mesmo.

Já Emilie, que antes “queria permanecer pura e intocada, um instinto impetuoso a fazia afastar-se de todas as mãos que pudessem encostar nela” (LAWRENCE, 2018, p. 142), quando perde a virgindade, sente-se “rica e completa, deixando fluir um jorro maravilhoso como o brilho do sol” (LAWRENCE, 2018, p. 152).

Finney (1989, p. 16), ao fazer uma pequena apreciação crítica sobre esse conto, enuncia que a liberdade que Bachmann e sua namorada sacrificaram, aceitando a servitude, é restaurada pela força da recém-adquirida sexualidade, a partir da qual eles podem se libertar da autoridade do exército e do patrão sem medo das consequências.

Além disso, o casal contraria as imposições da sociedade vitoriana porque desfruta plenamente do ato sexual realizado fora dos laços do matrimônio. De acordo com Gay (1999, p. 328), “o feliz congresso sexual impregnado de ternura, era da conta dos amantes e de ninguém mais”.

Mesmo no momento doloroso da prisão do soldado, “ele permanecia fiel a si mesmo e Emilie também era excessivamente ela mesma” (LAWRENCE, 2018, p. 160 - 161). E a comunhão dos dois era tão completa que Bachmann, ao partir, “não olhou para ela. Eles conheciam um ao outro. Eram eles próprios” (LAWRENCE, 2018, p. 160).

Para Freud, a sexualidade implica uma dinâmica de curiosidade que é possivelmente a base de toda atividade intelectual (1997, p. 25). Assim, o comportamento do ser humano em relação ao sexo é, frequentemente, um protótipo das outras formas de reagir para a vida. Com efeito, a narrativa analisada envolve uma certa curiosidade sobre o corpo, uma postulação de que o corpo possui a chave não apenas para o prazer, mas também para o conhecimento e o poder. Os protagonistas da história, após desfrutarem do prazer sexual, assumiram atitudes mais poderosamente ativas em outras esferas da existência.

Em suma, *O Espinho na Carne* é um exemplo significativo da tese defendida por Lawrence de que no abraço erótico a confrontação com o outro leva a confrontação consigo mesmo, tornando o indivíduo capaz de aceitar suas limitações e conhecer profundamente a si mesmo e ao outro. Por meio dessa narrativa, o escritor demonstra que a moral vitoriana decadente foi suplantada pelo primitivismo representativo das pulsões sexuais, provocando uma alteração dos valores éticos e morais do início do século XX.

#### 4 – Conclusão

O século XIX impõe um mundo de aparências onde o pudor e a vergonha comandam os comportamentos das pessoas, o que resulta na visão do corpo e do prazer tomando como base a contenção e a sobriedade. Dessa maneira, a sociedade vai elaborar uma ordem moral coletiva que vai se estender até o início do século XX, estabelecendo uma profunda convicção de que a atividade sexual deveria ficar limitada ao casamento.

No entanto, vale lembrar que, apesar dessa moralidade burguesa, o erotismo sempre esteve ao lado da repressão que, embora dominasse os discursos acerca da sexualidade, não foi capaz de eliminar obras artísticas que explorassem os desejos humanos e estabelecessem uma crítica acerca dos parâmetros sociais da época aos quais estava relacionada, como fez Lawrence em várias de suas obras, incluindo o conto *O Espinho na Carne*.

Nessa narrativa o amor erótico funciona como um instrumento de comunicação entre as personagens, o qual é muito mais poderoso do que o contato verbal e emocional. Por meio do toque, estas podem se autoconhecer e conhecer o outro, sofrendo, em consequência disso, mudanças comportamentais promotoras do seu crescimento pessoal e transformando-se em seres mais completos, mais livres, mais amadurecidos e mais realizados.

Esperamos que este trabalho possa ter contribuído, por pouco que seja, para conhecer uma sociedade conservadora que cedeu lugar muitos dos conceitos morais concebidos em toda a cultura ocidental e compreender o papel do toque na contística de D.H. Lawrence e nos estudos da obra lawrenciana em geral. Gostaríamos ainda de sugerir que outras investigações sejam realizadas com base nos contos do escritor inglês – um solo fértil, pouco explorado até hoje – constituindo um desafio a ser decifrado no futuro.

#### Referências Bibliográficas

- CIRLOT, Juan – Eduardo. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1984.
- FINNEY, Brian (ed.). **D. H. Lawrence: selected short stories**. London: Penguin Books, 1989.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1972, v. VII.
- \_\_\_\_\_. **Sexuality and the Psychology of Love**. New York: Touchstone, 1997.
- GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos**. Vol. 1. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: A paixão terna**. Vol. 2. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: Guerras do prazer**. Vol. 5. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LAWRENCE, D. H. **O cigano e outras histórias**. Tradução de Alexandre Pinheiro Torres e

Maria Célia Castro. Rio de Janeiro: Record, 2018.

RAMOS, Edilene Ferreira; NEPOMUCENO, Luís André. **Literatura e psicanálise: a sensibilidade burguesa na Inglaterra modernista.** 2010. Disponível em: <[http://www.unipam.edu.br/perquirere/images/stories/2010/Literatura\\_e\\_Psicanalise](http://www.unipam.edu.br/perquirere/images/stories/2010/Literatura_e_Psicanalise)>. Acesso em: 18 jul. 2018.